



Novos caminhos para a Igreja: um projeto à luz do Documento Final do Sínodo para a Amazônia

Conversão integral e conversão pastoral – chaves de leitura

Márcia Oliveira¹

Nesta primeira etapa da Caravana da Formação neste Processo Pós-Sinodal é importante fazer MEMÓRIA de todo o processo sinodal que nos proporcionou escutar os clamores e conhecer as lutas e as esperanças dos povos da Amazônia.

O Sínodo Especial para a Amazônia, convocado pelo Papa Francisco, em 15 de outubro de 2017, se divide em três momentos específicos: o processo pré-sinodal, que foi todo o momento de preparação orientado pelo Documento Preparatório (roteiro da escuta) e pelo Documento de Trabalho (Instrumentum Laboris); o segundo momento foi a Assembleia Sinodal ocorrida entre os dias 06 a 27 de outubro de 2019 que resultou no Documento Final; e o terceiro momento é o Processo Pós-Sinodal que segue orientado pela Exortação Pós-Sinodal Querida Amazônia.

Estas três etapas marcam profundamente a caminhada da Igreja na Amazônia e a proposta deste conjunto de rodas de conversa é recordar, aprofundar e rezar esta Caminhada Sinodal à luz da Palavra de Deus e dos desafios atuais.

A primeira etapa do Processo Sinodal mobilizou direta e indiretamente mais de 87 mil pessoas nos 09 países que compõem a Pan-Amazônia. Foi um tempo de escuta e de grande preparação que começou nas bases das nossas comunidades, mobilizou nossos grupos de reflexão, a juventude, a catequese, os encontros de formação, até chegar às Assembleias Territoriais realizadas nas nossas dioceses.

¹ Assessora da REPAM-Brasil e Perita do Sínodo para a Amazônia.

Durante vários meses, nos dedicamos a buscar entender quais seriam os NOVOS CAMINHOS PARA A IGREJA E PARA UMA ECOLOGIA INTEGRAL na nossa caminhada de Igreja na Amazônia. E descobrimos que esses novos caminhos de evangelização devem ser elaborados para e com o povo de Deus que habita nessa região: camponeses/agricultores, seringueiros, ribeirinhos, migrantes e deslocados, povo das cidades e grandes metrópoles e, especialmente, para e com os povos indígenas, apontados pelo Papa Francisco como importantes interlocutores da Assembleia Sinodal.

Orientados e orientadas pela mensagem da Encíclica Laudato Sí do Papa Francisco, descobrimos que a Amazônia, é uma região com rica biodiversidade, é multiétnica, pluricultural e plurirreligiosa, um espelho de toda a humanidade que, em defesa da vida, exige mudanças estruturais e pessoais de todos os seres humanos, dos Estados e da Igreja. E o Documento Preparatório nos ajudou a ouvir os clamores de todos os povos da Amazônia! E nossas vozes ecoaram até o Vaticano, na Assembleia Sinodal.

O Processo Sinodal contribuiu para expressar a nossa profunda consciência da dramática situação de destruição que afeta a Amazônia. Isso significa o desaparecimento do território e de seus habitantes, especialmente dos povos indígenas. A floresta amazônica é um "coração biológico" para a terra cada vez mais ameaçada. Descobrimos que este "coração biológico" está numa corrida desenfreada até à morte. Está cientificamente provado que o desaparecimento do bioma amazônico terá um impacto catastrófico no planeta como um todo! (Documento Final, n. 02)

O caminho sinodal do Povo de Deus na fase preparatória envolveu toda a Igreja no território, os Bispos, os missionários, os membros das Igrejas de outras confissões cristãs, os leigos e muitos representantes dos povos indígenas, em torno do documento de consulta que inspirou o Instrumentum Laboris. Enfatiza a importância de escutar a voz da Amazônia, movida pelo sopro maior do Espírito Santo no grito da terra ferida e de seus habitantes. Foi registrada a participação ativa de mais de 87 mil pessoas, de diferentes cidades e culturas, assim como de numerosos grupos de outros setores eclesiais e as contribuições de acadêmicos e organizações da sociedade civil nos temas centrais específicos (Documento Final, n. 03).

Durante todo seu processo, o Sínodo conseguiu destacar a integração da voz da Amazônia com a voz e o sentimento dos pastores participantes. Foi uma nova experiência de ESCUTA para discernir a voz do Espírito que leva a Igreja a novos caminhos de presença, evangelização e diálogo intercultural na Amazônia. A afirmação, que surgiu no processo preparatório, de que a Igreja era aliada do mundo amazônico, foi fortemente afirmada. A celebração termina com grande alegria e esperança de abraçar e praticar o novo paradigma da ecologia integral, o cuidado da "casa comum" e a defesa da Amazônia.

Em clima de SINODALIDADE, ou seja, de participação coletiva, a Assembleia Sinodal reuniu 250 convidados de várias partes do mundo e representantes das igrejas fraternas, como ocorre nos demais Sínodos. A sinodalidade (palavra latina que significa caminhar juntos/as) foi o fio condutor da Assembleia Sinodal e o caminho do discernimento sob a orientação do Papa Francisco, para escutar a realidade, discernir os possíveis caminhos a serem trilhados e promover ações que venham de encontro com as necessidades da região pensada a partir das particularidades de seu bioma, da diversidade sociocultural de seus povos e da posição estratégica que ela ocupa no planeta.

O Documento Final da Assembleia Sinodal apresentou um diagnóstico preciso e completo dessa imensa região considerada uma das mais complexas, diversificadas e desafiadoras regiões do mundo, ameaçada pela cobiça e ganância de interesses internos e internacionais. Uma região com seus recursos hídricos, florestais e do subsolo, em permanente exploração desde a colonização, o que culmina com a destruição de povos, culturas e saberes ancestrais.

A grande novidade do Sínodo Especial para a Amazônia foi a quantidade de MULHERES (38 ao todo) e de representantes dos povos indígenas que fizeram toda a diferença com sua participação e partilha das experiências. As mulheres participaram de forma ativa e efetiva de todo o processo sinodal com seu protagonismo feminino sempre presente na caminhada da Igreja da Amazônia. Mas, na Assembleia Sinodal, elas tiveram grande destaque. Era visível a alegria do Papa Francisco no meio das mulheres. Elas abriram caminhos para se pensar novos ministérios/serviço específicos para as mulheres em toda a Igreja e deixaram claro que a Igreja da Amazônia tem rosto de mulher.

Outra novidade desta Assembleia Sinodal foi a instalação da 'TENDA DA CASA COMUM', um espaço que reuniu inúmeras pessoas de toda Pan-Amazônia e convidados do mundo inteiro que passaram por ali para acompanhar o sínodo com muitas atividades de reflexão, estudo, oração, debates diversos, silêncio e meditação durante toda a Assembleia Sinodal.

Na abertura oficial do Processo Sinodal em janeiro de 2018 na sua visita a Porto Maldonado na Amazônia Peruana, o Papa Francisco disse aos POVOS INDÍGENAS que "eles seriam protagonistas do Sínodo da Amazônia". E de fato o foram. Durante a Assembleia Sinodal, o Papa Francisco se reuniu com os representantes das etnias indígenas que participavam do Sínodo e com aqueles que estavam participando das atividades da Tenda da Casa Comum. Depois de os escutar, o Papa Francisco reafirmou a importância dos povos indígenas para a proteção da Amazônia e para a Ecologia Integral.

Um momento que marcou profundamente a Assembleia Sinodal foi o 'PACTO DAS CATACUMBAS' celebrado na manhã do dia 20 de outubro na Catacumbas de Santa Domitilla. Os

participantes do Sínodo e da Tenda da Casa Comum celebraram a memória dos primeiros cristãos perseguidos e martirizados pelo Império Romano, recordaram os compromissos do Concílio Vaticano II e assinaram um documento no qual se comprometeram em "renovar a opção preferencial pelos pobres", a abandonar "todo tipo de mentalidade e atitude colonial" e a proclamar "a novidade libertadora do Evangelho de Jesus Cristo". Comprometeram-se também a reconhecer "os ministérios eclesiais já existentes nas comunidades" e a buscar "novos caminhos de ação pastoral".

Capítulo I – Amazônia: da Escuta à Conversão Integral

O Documento exorta desde o início a uma “verdadeira conversão integral”, com uma vida simples e sóbria, no estilo de São Francisco de Assis, comprometida em relaciona-se harmoniosamente com a “CASA COMUM”, obra criativa de Deus. Essa conversão levará a Igreja a ser em saída, para entrar no coração de todos os povos amazônicos. De fato, a Amazônia tem uma voz que é uma mensagem da vida e se expressa através de uma realidade multiétnica e multicultural, representada pelos rostos variados que a habitam. “BEM VIVER” é o estilo de vida dos povos amazônicos, ou seja, viver em harmonia consigo mesmo, com os seres humanos e com o ser supremo, numa única intercomunicação entre todo o cosmo, a fim de forjar um projeto de vida plena para todos.

As dores da Amazônia: o grito da terra e o grito dos pobres

Todavia, o texto não reprime as muitas dores e violências que hoje ferem e deformam a Amazônia, ameaçando sua vida: a privatização de bens naturais; modelos de produções predatórias; desmatamento que atinge 17% de toda a região; a poluição das indústrias extrativistas; mudanças climáticas; narcotráfico; alcoolismo; tráfico de seres humanos; a criminalização de líderes e defensores do território; grupos armados ilegais. É extensa a página amarga sobre migração, que na Amazônia articula-se em três níveis: mobilidade de grupos indígenas em territórios de circulação tradicional; deslocamento forçado de populações indígenas; migração internacional e refugiados. Para todos esses grupos, é necessário um CUIDADO PASTORAL transfronteiriço capaz de incluir o direito à livre circulação. A QUESTÃO MIGRATÓRIA deve ser trabalhada de maneira coordenada pelas Igrejas de fronteiras. Além disso, um trabalho pastoral permanente deve ser pensado para os migrantes vítimas do tráfico de pessoas com especial atenção para o tráfico de mulheres para fins de exploração sexual comercial.

O Documento sinodal convida a prestar atenção ao deslocamento forçado de famílias indígenas nos centros urbanos, sublinhando como esse fenômeno requer uma “pastoral conjunta nas periferias”. Daí a exortação à criação de equipes missionárias que, em coordenação com as paróquias, cuidem desse aspecto, oferecendo liturgias inculturadas e favorecendo a integração dessas comunidades nas cidades.

Capítulo II – Novos Caminhos de Conversão pastoral

A Igreja na Amazônia é uma Igreja em saída missionária; uma igreja Samaritana, misericordiosa, solidária; uma igreja em diálogo ecumênico, inter-religioso e cultural; uma igreja missionária que serve e acompanha os povos amazônicos; uma igreja com rosto indígena, camponês e afrodescendente; com rosto migrante; com rosto jovem; uma igreja que percorre novos caminhos na pastoral urbana; uma espiritualidade da escuta e o anúncio. Todas estas características apontam os novos caminhos para a conversão pastoral.

A dimensão MISSIONÁRIA da Igreja também é central: a missão não é algo opcional, lembra o texto, porque a Igreja é missão e a ação missionária é o paradigma de toda obra da Igreja. Na Amazônia, ela deve ser “SAMARITANA”: ir ao encontro de todos; “MADALENA”: amada e reconciliada para anunciar com alegria o Cristo ressuscitado; “MARIANA”: geradora de filhos para a fé e “INCULTURADA” entre os povos a que serve. É importante passar de uma pastoral “de visita” a uma pastoral “de presença permanente” e, para isso, o Documento sinodal sugere que as Congregações religiosas do mundo estabeleçam pelo menos um posto missionário em um dos países da Amazônia.

O sacrifício dos missionários mártires

O Sínodo não esquece os muitos missionários que deram a vida para transmitir o Evangelho na Amazônia, cujas páginas mais gloriosas foram escritas pelos mártires. Ao mesmo tempo, o Documento lembra que o anúncio de Cristo na região realizou-se muitas vezes em convivência com os poderes opressores das populações. Por esse motivo, hoje a Igreja tem “a oportunidade histórica” de se distanciar das novas potências colonizadoras, ouvindo os povos amazônicos e exercendo sua atividade profética “de forma transparente”.

Diálogo ecumênico e inter-religioso

Nesse contexto, foi dada grande importância ao diálogo ecumênico e inter-religioso: “Caminho indispensável da evangelização na Amazônia”, afirma o texto sinodal, ele deve partir, no primeiro caso, da centralidade da Palavra de Deus para iniciar verdadeiros caminhos de comunhão. No âmbito inter-religioso, o Documento incentiva um maior conhecimento das espiritualidades indígenas e dos cultos afrodescendentes, a fim de que cristãos e não cristãos possam agir juntos em defesa da Casa comum. Por esse motivo, são propostos momentos de ENCONTRO, ESTUDO e DIÁLOGO entre as Igrejas na Amazônia e os seguidores das religiões indígenas.

Urgência de uma pastoral indígena e de um ministério juvenil

O Documento também recorda a urgência de uma pastoral indígena que tenha um lugar específico na Igreja: é necessário criar ou manter, de fato, “uma opção preferencial pelas populações indígenas”, dando também maior impulso missionário às vocações autóctones, porque a Amazônia

também deve ser evangelizada pelos amazônicos. Depois, dar espaço aos jovens amazônicos, com suas luzes e sombras. Divididos entre tradição e inovação, imersos numa intensa crise de valores, vítimas de realidades tristes como a pobreza, violência, desemprego, novas formas de escravidão e dificuldade de acesso à educação, muitas vezes acabam na prisão ou em mortos por suicídio. E, no entanto, os jovens amazônicos têm os mesmos sonhos e as mesmas esperanças que os outros jovens do mundo e da Igreja.

Chamada a ser uma presença profética, deve acompanhá-los em seu caminho, para impedir que sua identidade e sua autoestima sejam prejudicadas ou destruídas. Em particular, o Documento sugere “um renovado e ousado ministério juvenil”, com uma pastoral da juventude sempre ativa e centrada em Jesus. De fato, os jovens, lugar teológico e profetas da esperança, querem ser protagonistas e a Igreja na Amazônica quer reconhecer o seu espaço. Por isso, o convite a promover novas formas de evangelização também através das mídias sociais e ajudar os jovens indígenas a alcançar uma interculturalidade saudável.

Pastoral urbana e as famílias

O texto conclusivo do Sínodo se detém no tema da pastoral urbana, com um foco particular nas famílias: nas periferias da cidade, elas sofrem pobreza, desemprego, falta de moradia, além de vários problemas de saúde. Torna-se, portanto, necessário defender o direito de todos à cidade como desfrute justo dos princípios de sustentabilidade, democracia e justiça social. É preciso lutar para que os DIREITOS FUNDAMENTAIS básicos sejam garantidos nas “favelas” e nas periferias.

Central deve ser também o estabelecimento de um “ministério de acolhimento” para uma solidariedade fraterna com migrantes, refugiados e sem-teto que vivem no contexto urbano. Nesse âmbito, uma ajuda válida vem das Comunidades Eclesiais de Base, “um presente de Deus para as Igrejas locais da Amazônia”. Ao mesmo tempo, as políticas públicas são convidadas a melhorar a qualidade de vida dos povos indígenas, dos ribeirinhos, dos camponeses, das comunidades quilombolas, e as proteger das grandes intervenções econômicas a fim de evitar a transferência descontrolada de pessoas para a cidade.